

**ME ERRA,
ROYCE TASLIM**

AMOSTRA

AMOSTRA

ME ERRA, ROYCE TASLIM

LAUREN HO

Tradução de Andresa Vidal



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Me Erra, Royce Taslim

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 LAUREN HO

ISBN: 978-85-508-2498-7

Translated from original Bite Me, Royce Taslim. Copyright © 2024 by Lauren Ho. ISBN 9781368095518. First Published by Disney • Hyperion, an imprint of Buena Vista Books, Inc. Translation rights arranged by Jill Grinberg Literary Management LLC and Sandra Bruna Agencia Literaria, SL All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

H597e

1.ed. Ho, Lauren

Me erra, Royce Talim / Lauren Ho ; tradução

Andresa Vidal. – 1.ed. – Rio de Janeiro :

Alta Books, 2025.

304 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: Bite me, Royce Taslim.

ISBN 978-85-508-2498-7

1. Ficção juvenil. I. Vidal, Andresa.

II. Título.

10-2024/129

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Gerência Comercial: Claudio Lima

Coordenadora Editorial: Illyssabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Andresa Vidal

Copidesque: Giovanna Chinellato

Revisão: Ana Beatriz Omuro

Diagramação: Viviane Brandt



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

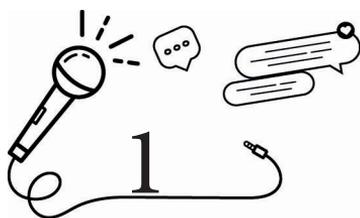
Editora
afiliada à:



AMOSTRA

Para Sophie e Henry.

AMOSTRA



AMIGAS E AMIGOS, TODO mundo deveria ter uma roupa íntima da sorte.

Todo mundo.

Bom, eu não costumo ser uma pessoa supersticiosa, mas provavelmente não é coincidência que, nas duas semanas desde o início do último ano, todas as vezes que usei este exato conjunto cinza do Rick & Morty, empatei ou quebrei meu recorde pessoal nos cem metros rasos, minha prova favorita. Claro, eu passei o verão inteiro treinando com a equipe nacional de velocistas, mas suspeito que o Sr. Rick e o Sr. Morty sejam os verdadeiros responsáveis pela minha evolução ultimamente.

Só é uma pena que a sorte não estivesse em outro conjunto. Este par já está um pouco velho; a cor original nem era cinza...

Tá bom, talvez eu seja um *pouquinho* supersticiosa. Mas só porque sou uma pessoa prudente e quero considerar todas as possibilidades. Eu sei por experiência que a sorte compensa. A escola em que estou atualmente me ensinou que, na vida, sorte é indispensável. Por exemplo, se você tiver a sorte de nascer rico, pode ter zero personalidade e, ainda assim, sempre estar no topo de tudo e de todos, como espuma na água. O resto de nós, que tem apenas riqueza interior, tem que se contentar em conseguir as coisas do modo antigo: com muito esforço e charme.

Solto um suspiro, mexendo na batinha desgastada do meu short Às vezes é bem difícil ser tão rico espiritualmente; afinal, é impossível esfregar sua riqueza interior na cara das outras pessoas.

Há um lampejo de cor cruzando o campo vizinho. Meu foco vai para a origem dele, Royce Taslim, se exercitando ao longe, o único usando collant de corrida laranja-neon e preto. Por que alguém teria — e usaria — roupas de corrida tão coloridas? *Cruzes*, penso sombriamente, isso é uma ofensa contra o bom gosto e possivelmente um sinal de profundo apodrecimento espiritual, ou até mesmo de desvio maligno.

Tenho certeza de que Royce Taslim é um ser corrompido. Apesar daquela fachada de pele bronzeada e dos cabelos brilhantes, lá no fundo, onde realmente importa, ele não presta.

— Chan, você está acompanhando os tempos delas ou sonhando acordada? — bradou Everett, o treinador das garotas. Alto, esguio e na casa dos cinquenta, o treinador Everett foi um ex-campeão nacional júnior nos cem metros e agora, como ele gosta de nos lembrar de vez em quando, é um dos melhores treinadores que existem por aí, embora não tenhamos certeza do que esse “por aí” signifique, geograficamente ou não.

— Sim, treinador! — respondo, erguendo o iPad. Como capitã do time, sou responsável por registrar os melhores tempos individuais e da equipe em cada treino. Também tenho a “honra” de lidar com várias tarefas rotineiras que o treinador Everett me delegou, como encomendar equipamentos esportivos e uniformes da equipe e fazer o trabalho administrativo mundano que não traz glória nenhuma. De alguma forma, apesar de ser uma das três melhores velocistas juniores nacionalmente classificadas com aspirações à associação atlética americana NCAA — todo atleta promissor da Malásia sabe que para subir de nível, precisa entrar para o sistema universitário dos Estados Unidos —, estou fazendo trabalho braçal. Ouço dizer que meu estimado cocapitão de atletismo, o Sr. Calças Neon Royce, não faz nada desse tipo. Acho que o sobrenome Taslim é um escudo protetor do trabalho sujo.

— Ótimo — diz o treinador Everett, marchando para longe de mim até chegar à sua cadeira perto da pista, já encharcado de suor.

Esse é o nosso adorável clima tropical aqui de Kuala Lumpur; mesmo que a pista de corrida de última geração no Colégio Dunia American International seja parcialmente coberta, a temperatura fica em torno de 32°C na sombra e ainda mais alta no campo vizinho. Em dias como este, o pavio do treinador é ainda mais curto. Faço uma nota mental para arrearar no sprint de cem metros, que é o próximo.

Eu me alinho na pista com minhas colegas de equipe Tavleen Kaur, Tan Qiu Lin, Lina Nguyen e Suraya Ismail, assumo a posição de largada e espero pelo sinal do treinador. Me viro para minhas colegas de equipe e dou um sorriso, esperando que seja percebido como tal. Minha irmã mais nova, Rosie, já me disse que não sou muito de sorrir, mas não se pode confiar em ninguém com menos de 12 anos.

— Em suas marcas! — grita o treinador Everett.

Entro no modo corredora, um estado de espírito em que fico hiperfocada e certos aspectos de mim são elevados para onze em uma escala de dez, enquanto outros sentidos são reduzidos. Tudo que não está relacionado à corrida desaparece e fica em segundo plano.

O tiro da pistola eletrônica de largada ecoa e nós partimos. Eu corro. Me transformo.

Eu não sou *apenas* Agnes Chan, dona de um conjunto de roupas íntimas *Rick & Morty*, estudante mediana e sem destaque — até irrelevante.

Eu sou a Agnes Chan, a superestrela das pistas, a capitã. Segura de si e querida por todos, alguém que conquistou plenamente o direito — se não mais — de estar onde está.

Eu cruzo a linha de chegada à frente das minhas colegas, é claro, e todas as meninas do time de atletismo gritam e aplaudem. “Agnes! Agnes!” O placar eletrônico informa meu tempo: 11,81 segundos nos cem metros rasos, um novo recorde pessoal. A euforia da minha vitória se mistura com um caloroso sentimento de camaradagem enquanto as meninas me erguem nos ombros de Tavleen. Sim, apesar de tudo o que aconteceu no meu passado, posso ser um pouco sortuda às vezes.



Depois do treino, usando meus fones de ouvidos, caminho pelo impecável gramado esmeralda do campus de vinte e oito hectares do Colégio Dunia American International, cujos imponentes prédios misturam a arquitetura tradicional da Malásia com instalações modernas e de ponta, até parada de embarque que fica do lado de fora da escola. Passo pelas músicas da minha playlist favorita de pop pós-treino, tentando encontrar algo que combine com o meu humor. As Hot Flashes — a propósito, este é o apelido que dei para a equipe de corrida — estavam em uma maré de sorte. Arrasaríamos as outras equipes no próximo intercolegial. Depois, eu e minhas colegas Hot Flashes malasianas temos os campeonatos estaduais, seguido dos Jogos do Sudeste Asiático, que acontecem no início de fevereiro, no qual pretendo superar os tempos que me renderam as medalhas de prata e bronze nas categorias de cem metros rasos e revezamento, respectivamente, em uma competição nacional ano passado.

— É disso que eu estou falando — digo em voz alta, desafiando minha educação cultural e a superstição inerente. — Este é o Ano da Chan.

Se meu último ano continuar pelo mesmo caminho que o meu penúltimo ano, então nada poderá me parar.

Mudo de ideia sobre a música e, em vez disso, seleciono um dos meus especiais de stand-up favoritos da incrível comediante canadense Amina Kaur, para me ajudar a relaxar durante minha longa viagem até o subúrbio de Ampang, um distrito que recebeu imigrantes coreanos e onde fica uma das Koreatowns não oficiais da cidade. 100% *Kaur-nadian* tem episódios de uma hora, cheio de observações brilhantes sobre tudo, desde imperialismo cultural até sobre fazer e provar *maple taffy* com o que só pode ser neve suja para impressionar seu crush pela primeira vez, e depois passar horas se cagando. Meu turno de quatro horas no Seoul Hot — o restaurante de churrasco coreano onde tenho trabalhado informalmente nos últimos dez meses — começa em uma hora. Vou precisar dar um pouco de risada para me preparar para enfrentar o que será um turno brutal. Meus músculos estão tremendo de fadiga, tanto que não tenho energia para evitar meu arqui-inimigo, Royce Taslim, que está atravessando o gramado em direção aos portões da escola, sorrindo pela boa sorte de ter nascido Royce Taslim.

Sabe aquelas pessoas que andam como se tivessem um holofote sobre elas, e que nunca, jamais, têm caspa ou tropeçam nos cadarços? Esse é o Taslim. O Sr. Imaculadamente Perfeito. Vestindo um moletom preto, jeans e tênis brancos, tudo de marca, e o sorriso de um cara que sabe que, no final do dia, alguém que não será ele estará lavando a cueca que espero, espero mesmo, esteja enfiada no meio da sua bunda suada neste momento. Com esse tempo, ninguém está usando jeans, meus amigos, mas, acreditem, Taslim foi o único que não percebeu isso.

Taslim fica ao meu lado e damos aquele aceno com o queixo um para o outro. Atravessamos o gramado e, em silêncio, saímos pelos portões imponentes até a área de embarque de carros. Tento não piscar excessivamente ao vê-lo, porque li em algum lugar que piscar pode ser interpretado como um sinal de ansiedade — ou seria atração? E não há absolutamente nenhuma razão para Taslim me causar ansiedade ou atração, nenhuma mesmo. Claro, ele tem cabelos pretos como a noite que contrastam com seus grandes olhos quase âmbar, e suponho que ele seja alto e musculoso, mas tire tudo isso e sobra o quê? Um esqueleto; sim, somos todos apenas esqueletos ambulantes sob toda essa pele e cabelo. Além disso, ganhar na loteria genética não é algo para se admirar em alguém, assim como a fortuna geracional, embora alguns possam discordar.